



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 30 de setembro de 2025

<b>Bolsas</b> Na segunda-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na segunda-feira	<b>Salário mínimo</b> Últimos	<b>Euro</b> Comercial, venda na segunda-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,61% São Paulo	146.491	R\$ 5,322 (- 0,3%)	23/setembro 5,279 24/setembro 5,327 25/setembro 5,364 26/setembro 5,336	R\$ 6,243	14,90%	14,90%	Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26 Agosto/2025 -0,11
0,15% Nova York	24/9 25/9 26/9 29/9						

**RELAÇÕES EXTERIORES/** Primeira conversa deve ser esta semana, por telefone. Mais adiante, haverá encontro presencial

# Negociadores buscam agenda com Trump

» RAPHAEL PATI  
» ROSANA HESSEL

Rosana Hessel/CB/DA.Press



**Para o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, o tarifaço praticado contra o Brasil não vai durar muito, por ser prejudicial aos Estados Unidos**

Aguardada pelos empresários e pelos governos de ambos os países, a reunião entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump ainda não tem data, nem local para ocorrer. Desde que o chefe de estado norte-americano sinalizou que estava aberto para uma conversa nesta semana, o Itamaraty tenta agendar uma conversa prévia entre os dois, por telefone ou videoconferência, nos próximos dias. O encontro presencial ocorreria mais adiante, em outro país. Uma possibilidade é a Itália, durante reunião da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), no dia 13 de outubro. A outra, seria a Malásia, durante a cúpula da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean), no dia 25.

Ontem, membros do governo Lula, como o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, comentaram sobre o possível encontro e as oportunidades para o país.

Alckmin disse que o governo está otimista com o avanço das conversas entre Lula e Trump. Na visão do vice, o encontro pode ajudar a melhorar “muito” a relação entre os dois países, estremeçada com o tarifaço. “Com esse bom encontro, como o presidente Trump mesmo disse, que deu uma química entre ele e o presidente Lula, eu acho que nós teremos novos passos e temos bons argumentos, porque o Brasil não é problema para os EUA. Do G20, só com 3 países, os EUA têm superavit: Reino Unido, Austrália e Brasil”, destacou ontem o vice, em entrevista à Rádio CBN.

Ele ainda comentou sobre a possibilidade de colocar em mesa

questão dos minerais estratégicos, também chamados de “terras-raras”, que são considerados fundamentais para a transição energética. Os EUA, além de outras nações, demonstram interesse em importar esses minerais e o Brasil é uma das principais fontes desses produtos no mundo.

“O governo acabou de lançar o programa Redata, que é para atrair data center. E data center consome muita energia. Então nós temos boas possibilidades, isenção

de impostos para aqueles equipamentos que não têm produção nacional, então é um grande estímulo para trazer data center para o Brasil e a gente poder ter investimentos que extrapolem trilhão de reais e minerais estratégicos, é uma dessas áreas importantíssimas”, comentou Alckmin.

Ele também falou sobre a questão política do tarifaço, que envolve a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Segundo o vice, não deve haver

relações entre uma decisão da Suprema Corte, com política de importação, de natureza regulatória. “Tarifa de importação é política regulatória. Não tem nada a ver com decisão de Suprema Corte”, disse o ministro, que completou: “Mas acho que a abertura e o avanço do diálogo vão melhorar muito a relação Brasil-EUA”.

## Crise artificial

Já o ministro da Fazenda voltou a demonstrar otimismo com o fato

de que o tarifaço não tende a durar muito tempo, especialmente, porque encarece o custo de produtos que o norte-americano consome normalmente. Para ele, os EUA deram um tiro no pé, pois a crise política entre os dois países foi “artificialmente criada”. “A economia norte-americana deu um tiro no pé. Não faz sentido pagar mais caro pela carne e o café, por exemplo”, afirmou Haddad, no evento Macrovision 2025, do Itaú BBA, em São Paulo. “Não faz sentido essa

**A economia norte-americana deu um tiro no pé. Não faz sentido pagar mais caro pela carne e o café, por exemplo”**

**Fernando Haddad,**  
ministro da Fazenda

animosidade artificialmente criada”, acrescentou.

Para o chefe da equipe econômica, o tarifaço dos EUA, que entrou em vigor desde o início de agosto, não vai se estender. “O bom senso vai prevalecer. O presidente Lula não fez nenhum discurso de animosidade na Organização das Nações Unidas (ONU), e não usou a Lei de Reciprocidade aprovada, inclusive, pelo PL. Estamos sendo cuidadosos e caminhando com dignidade na negociação”, enfatizou.

Em alusão à campanha contra o Brasil feita pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), nos Estados Unidos, para tentar favorecer o pai, Jair Bolsonaro, o ministro destacou que Lula agiu como um democrata. “Não temos um autocrata, mas um democrata no poder”, frisou o ministro.

Ainda ontem, quando participou da abertura da 5ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (CNPMM), Lula disse que quer levar a primeira-dama, Janja da Silva, para o encontro com o republicano. “Quando eu for conversar com o Trump, eu vou levar ela. Eu quero que ele veja”, disse o presidente, ao lado de Janja, que também marcou presença no evento.

## BANCO CENTRAL

# Inadimplência chega a 5,4%

» RAFAELA GONÇALVES

A taxa de inadimplência no crédito livre subiu de 5,2% em julho para 5,4% em agosto, de acordo com o relatório de Estatísticas Monetárias e de Crédito divulgado pelo Banco Central (BC). Entre pessoas físicas, o índice avançou de 6,5% para 6,8%, enquanto para empresas, permaneceu em 3,3%. No crédito direcionado, a inadimplência passou de 1,8% para 2,0%, e no crédito total, que combina operações livres e direcionadas, aumento de 3,8% para 3,9%.

O volume de concessões de crédito livre somou R\$ 555,6 bilhões em agosto, queda de 3,3% em relação a julho. No acumulado de 12 meses, porém, houve crescimento de 11,7%. O recuo foi mais intenso entre empresas, de 4,9%, para R\$ 242,1 bilhões, enquanto o crédito a pessoas físicas caiu 2,0%, para R\$ 313,5 bilhões.

A taxa média de juros no crédito livre também subiu, passando de 45,6%, em julho, para 46,0%

em agosto, bem acima dos 39,7% registrados no mesmo mês do ano passado. Para pessoas físicas, a taxa avançou de 57,9% para 58,4%, e, no caso das empresas, de 25,0% para 25,2%.

O chefe do Departamento de Estatísticas do BC, Fernando Rocha, alertou que parte dos clientes de cartão de crédito já atingiu o chamado “muro inglês”, limite legal que interrompe a cobrança de juros acumulados nessa modalidade. “Das 68 instituições, 38 informaram que, no percentil 100 — que corresponde ao 1% dos maiores devedores no cartão de crédito — os valores estavam iguais ou superiores a 99. Isso significa que, em mais da metade dos casos, esses clientes já chegaram ao teto. A partir desse momento, a cobrança de juros é interrompida, e a legislação passa a atuar de forma efetiva”, explicou.

Segundo especialistas, a combinação de juros altos e expansão do crédito nos últimos anos

Edilson Rodrigues/Agência Senado/Reprodução



**Rocha: mais da metade dos devedores já atingiram o “muro inglês”**

criou um cenário delicado para muitas famílias. Thiago Pinotti Duarte, economista e Chief Revenue Officer (CRO) da Base39, alerta que, embora o mercado de trabalho permaneça aquecido, a renda extra tem sido absorvida

pelo custo dos financiamentos pelo peso das dívidas. “A inadimplência em alta não indica fragilidade imediata da economia, mas revela um risco social que pode frear o consumo e abalar a confiança”, afirma.

# Mercado reduz projeção para inflação e câmbio

Economistas do mercado financeiro reduziram suas projeções para inflação e o câmbio neste ano. Segundo os dados do mais recente Boletim Focus, divulgados ontem pelo Banco Central (BC), a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2025 caiu de 4,83% para 4,81%.

O indicador ainda permanece distante do teto da meta de inflação definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 4,5% para 2025. “Mesmo com inflação mais controlada, os preços administrados seguem pressionados, e a leitura do Focus reforça isso”, destacou Carlos Braga Monteiro, CEO do Grupo Studio.

Em relação ao câmbio, a projeção para o dólar neste ano recuou de R\$ 5,50 para R\$ 5,48. Para 2026, passou de R\$ 5,60 para R\$ 5,58. Já a estimativa para 2027 foi revista de R\$ 5,65 para R\$ 5,60.

O CEO da Multiplike, Volnei Eynng, avaliou que os números “reforçam um cenário de estabilidade com sinais pontuais de alívio”. “Sinalizam uma inflação em trajetória de ajuste, crescimento

estável e câmbio menos pressionado, mas com juros ainda em patamar que limita a atividade econômica e impõe desafios para empresas e consumidores. O cenário continua exigindo cautela no presente, mas abre espaço para condições mais favoráveis a partir de 2026”, ponderou.

A projeção do mercado para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2025 ficou em 2,16%. Para 2026, a mediana das estimativas recuou para 1,80%. Em 2027, a expectativa permaneceu em 1,90%, e, para 2028, seguiu em 2,0%.

A previsão para a taxa básica de juros (Selic) neste ano foi mantida em 15%. Para 2026, a projeção ficou em 12,25%, enquanto a de 2027 permaneceu em 10,50%. Já em 2028, a estimativa seguiu em 10%.

O CEO da Referência Capital, Pedro Ros, avaliou que o atual cenário econômico combina “inflação estável e crescimento moderado, ainda que com juros elevados”. Para ele, essa configuração “abre espaço para ativos reais com renda recorrente e execução prática, como no setor imobiliário”. (RG)